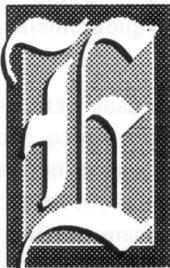


PARÂMETROS PARA UTILIZAÇÃO DO ESPORTE EM UM PROJETO DE LAZER - Um Relato de Experiência -

Patrícia Dini*

Fabício Avancini Silva*

Victor Andrade de Melo**



Embora exista uma tendência contrária, ainda, nem sempre é um procedimento comum, entre os profissionais da área de Educação Física, a reflexão acerca de suas propostas de intervenção. Muitas vezes, mera reprodução desvinculada do cotidiano, sua atuação pouco contribui para o repensar de uma sociedade em crise e tampouco para a (re)construção de sua área de atuação e sua prática.

Nesse estudo, longe de acreditar na exclusiva efetividade de nossa proposta, queremos apresentar nossa experiência enquanto profissionais que tiveram a oportunidade de atuar em um projeto de lazer (Projeto Curumim - SESC Pompéia), segundo determinados parâmetros por nós previamente estudados e estabelecidos que, obviamente, estavam impregnados por nossa visão de mundo e sociedade.

Assim, nossa preocupação básica é demonstrar como os referenciais teóricos que apresentaremos, escolhidos de acordo com nossa avaliação da realidade, contribuíram para o desenvolvimento pragmático de uma proposta, também aqui apresentada. Ao final, nos preocuparemos em apresentar uma breve e introdutória análise dos resultados, de acordo com o que percebemos. A preocupação em apresentar tais resultados, mesmo que sejam frutos de uma análise ainda superficial, vem da compreensão da necessidade de estabelecer novos indicativos que permitam repensar e reconstruir uma nova prática, ciclo esse que, na nossa opinião, deve caracterizar toda e qualquer proposta profissional que pretende potencializar sua atuação, principalmente quando se refere à intervenção pedagógica, aqui encarada em um sentido amplo que extravasa as fronteiras da instituição escolar.

O Projeto Curumim surge com a preocupação do Serviço Social do Comércio (SESC) em buscar uma atuação mais efetiva no que tange a questão do

* Professores do Projeto Curumim - SESC-Pompéia.

** Mestrando em Educação Física pela Universidade Estadual de Campinas.

menor. Na verdade, o SESC sempre consagrou, como um dos objetos de sua atuação, o público infantil, através de inúmeros projetos e atividades. A idéia de conceber centros de convivência permanentes, se fez necessária, com o propósito de buscar uma atuação mais integral e contínua. Para tanto, se pretendia fugir da simplória visão das crianças como meros reprodutores e receptadores, assumindo-as e encarando-as enquanto seres que interferem diretamente na realidade, capazes de desenvolverem sua própria autonomia. O trabalho desenvolve-se no tempo disponível (não escolar), em uma perspectiva de educação não formal e tendo a ludicidade como valor básico da ação pedagógica. Todos os preceitos teóricos básicos que norteiam o Projeto, se encontram no Programa Integrado de Desenvolvimento Infantil (PIDI).

O Projeto Curumim é realizado a partir de atividades permanentes, atividades eventuais, bem como programações especiais e atividades de apoio. As atividades permanentes ocorrem diariamente, pela manhã e tarde, com crianças de 7 a 12 anos. Oferece-se uma série de atividades em comum, aglomeradas em torno de espaços denominados 'oficinas'. As oficinas no SESC-Pompéia englobavam atividades de teatro, artes e brincadeiras esportivas, que se preocupavam em ampliar as experiências culturais das crianças por meio de convívio com instrutores especializados, responsáveis por orientar as atividades nos espaços que a unidade oferece como centro de cultura e lazer.

Embora não tivéssemos abandonado as atividades especiais e eventu-

ais, nesse estudo, nossa preocupação básica volta-se para as atividades permanentes, pois essas nos permitiram desenvolver contínua e processualmente nossas propostas, de forma que nossos objetivos, a médio e longo prazos, tiveram uma possibilidade maior de alcançabilidade e observação. No SESC-Pompéia, especificamente, tivemos a oportunidade de trabalhar com a oficina 'Brincadeiras esportivas'. Por que 'Brincadeiras esportivas'? Quais os motivos e especificidades que permeiam essa escolha?

Não é grande novidade para os profissionais de Educação Física que tem acompanhado as discussões nesses últimos dez anos, a forte preocupação com o sentido e o direcionamento dado ao esporte no mundo contemporâneo e as possibilidades de sua utilização em nossas atividades profissionais. A percepção de que o esporte tem se inserido em um paradigma que o torna sinônimo de alta competitividade, estando bem longe de uma estratégia que, de fato, pudesse contribuir para os interesses de superação da atual ordem social, conduziu a busca de alternativas pedagógicas para seu uso. Não foi difícil ouvir que o esporte era uma mera estratégia *alienante* e 'sem interesse educacional'.

Qual seria então uma possível atuação a partir de uma opção de classe? Longe de abandonar o esporte enquanto meio educacional, nossa contribuição estaria em redimensionar o seu uso, buscar parâmetros adequados ao grupo com que estávamos trabalhando, sua realidade e necessidades. Isso nos lançou o desafio que conduziu a escolha da oficina 'Brincadeiras esportivas'. Ressalta-

mos que essa denominação foi motivo de questionamentos e desconfortos entre nós, mas, pelo menos durante a realização do trabalho, não conseguimos uma terminologia melhor que, além de expressar o correto sentido por nós objetivado, ainda estivesse a altura da compreensão do público que nos procurava.

O nome esporte foi estrategicamente mantido, de forma a atrair efetivamente o interesse das crianças. Acreditávamos poder oferecer novas possibilidades de vivência que se diferenciavam das normalmente vividas pelos que procuram o esporte. Em nossa experiência do Curumim, tal perspectiva levava a choques constantes, seja com crianças, principalmente as mais velhas, que não admitiam um esporte diferenciado de sua experiência e, mesmo com outros instrutores, que viam o esporte como algo inútil. Foi exatamente nesse sentido que nossa proposta contribuiu, ao apresentar novas possibilidades de utilização do esporte e rompendo a estratégica separação entre esse e a cultura.

Mas de que esporte estamos falando? Qual o conceito de esporte considerado em nossa proposta? Optamos por considerar a relativa autonomia do campo esportivo proposta por Bourdieu (1983). Isto é, este autor acredita que exista um campo delineado que, mesmo articulado com outros, goza de certa autonomia e cronologia específica: o esporte moderno que, para ele, tem significado e função completamente diferente dos antigos jogos pré-esportivos, logo, possuindo uma nova lógica específica. Na maior parte de sua obra por nós consultada, o autor procura entender como se deu a ruptura que originou essa

ciência social em constituição, que é o esporte. Basicamente, para nossa proposta, percebemos que o conceito de esporte, como ele se apresenta, está impregnado de valores que não nos interessavam.

Assim, faríamos uso, na verdade, não do esporte, mas de uma apropriação das técnicas esportivas, utilizadas segundo novos parâmetros e objetivos, mesmo sabendo que, de alguma forma, era impossível evitar as influências. Esses parâmetros foram por nós encontrados nos estudos de Parlebas (1986) e Coletivo de autores (1992). O primeiro, basicamente, nos alerta quanto às possibilidades de alcance dos objetivos estabelecidos a partir da análise do que pode propiciar a lógica interna das atividades em uso. Para isso, o autor apresenta uma classificação das condutas motrizes (seu conceito básico), a partir de três parâmetros (meio ambiente, presença de adversários e presença de companheiros) que nos pode permitir, nem que seja de forma introdutória, desvendar a(s) rede(s) de intra e contra comunicações, explicitando, assim, possíveis valores alcançáveis. Esse estudo nos alerta para a necessidade de convergência entre os objetivos e intenções do educador com a programação de uma prática coerente e consistente com esses.

Do segundo estudo, basicamente, compreendemos a necessidade de estabelecimento de um novo paradigma, o da cultura corporal, que amplia os horizontes de nossa atuação para todas as formas de expressão corporal que, universalmente, são utilizadas enquanto linguagem. Este estudo nos foi muito útil, também, nos sentido de compreender a

operacionalização de procedimentos metodológicos pertinentes ao alcance de nossos objetivos. Na verdade, os três estudos se interrelacionavam em diversas partes, chegando mesmo a reproduzirem determinados conceitos com palavras diferentes.

É interessante esclarecer que inserimos nossa proposta na compreensão da necessidade de uma nova perspectiva de atuação no e pelo lazer (Marcellino, 1989). Uma perspectiva que busca caminhos concretos de atuação no campo cultural, de forma a utilizar os momentos de lazer como possibilidades de também repensar e intervir na sociedade. Foram essas as compreensões básicas que nos permitiram traçar uma proposta de atuação que, embora desse maior ênfase ao esporte (ou técnicas esportivas), procurava abranger os vários temas da cultura corporal e suas interrelações.

A estratégia utilizada para a viabilização da prática foi a tematização. O tema abordado - um valor - foi 'liberdade', dividido em sub-temáticas que serviram como balizadores de nossos objetivos, estimulando reflexões e questionamentos no grupo. O trabalho foi conduzido e adaptado às expectativas das crianças. Através das atividades, elas puderam contactar e correlacionar as diversas formas e parâmetros de liberdade, traçadas a partir de sua própria compreensão e do grupo, desde um simples chute na bola até o determinar das regras pelas quais essa bola poderia ser chutada. Ao discutir em diversas situações e oportunidades as regras de um jogo de uma determinada situação, esperávamos estimular a crítica dos relacionamentos nos mais diversos meios de contato social.

O tema foi escolhido à medida que, ao avaliarmos o grupo, encontramos um quadro de individualização intensa e ausência de questionamentos, de falta de percepção quanto à sua realidade. Sabendo que o comportamento de um grupo é algo dirigido por um sistema de valores de cunho filosófico e que este tem influência significativa em relação a orientação e direção no processo organizacional do mesmo (Oliveira, 1989), *nos perguntávamos, tendo como referencial apresentado pelas crianças: onde estão situados os valores básicos para a convivência em grupo/sociedade?* Os valores são impressões subjetivas de agrado ou não que as coisas produzem. É através deles que decidimos e nos orientamos no estabelecimento de nossas escolhas, se adotamos determinadas posições. É baseando-se em valores ordenados para si, que um grupo consegue ordenar seu comportamento e o ambiente onde interage.

Segundo Reich e Adcock (1978), a capacidade de ordenar 'corretamente' as nossas preferências, pensamentos e ações, reduz a incerteza e permite melhor responder a diversidade de estímulos transmitidos por um grupo, pelo meio e, enfim, pela própria sociedade. Assim, a intervenção social por parte do indivíduo fica facilitada. No decorrer do trabalho ficou evidente como o grupo passou a enxergar com *outros olhos* a realidade que os cercava, à medida que os vários valores iam sendo apresentados e discutidos. A discussão desses valores foi desencadeada pelas atividades e seqüência de seu desenvolvimento.

Era exatamente isso que esperávamos. Ao programar as atividades, antecipávamos possíveis discussões, acreditando que

"...os conteúdos selecionados, organizados e sistematizados devem promover uma concepção científica de mundo, a formação de interesses, possibilidades e aptidões para conhecer a natureza e a sociedade. Para isso, o método deve apontar o incremento da atividade criadora e de um sistema de relações sociais entre os homens" (Coletivo, 1992, p.34).

Assim, buscávamos levar o grupo a discutir, a partir de estímulos fundamentais e sem abandonar a importância central e primordial das atividades, os conceitos e especificidades que cercam a liberdade em uma sociedade, levando-o a compreensão da necessidade de valorizar e perseguir tal possibilidade. Com essa mudança de postura, no que se refere à prática esportiva conhecida pelas crianças, paulatinamente, elas se tornaram mais críticas e dispostas a novas atividades que, até então, eram vistas como desinteressantes ou desmotivantes. A correlação do tema com as atividades propostas fluiu com naturalidade e simplicidade e, o que de início nos parecia complexo, foi ao final, amplamente satisfatório, do ponto de vista pedagógico.

Foi possível observar mudanças no comportamento individual, bem como no comportamento do grupo enquanto um todo. Tivemos crianças que passaram a ser mais atuantes dentro do grupo e que despertaram seu interesse em questionar e dividir suas lideranças internas. O grupo se tornou mais crítico, mais rigoroso e pré-disposto às questões ligadas à sua disciplina interna, definida

no seu próprio interior, passando a encará-la com naturalidade e necessidade. Como organizar um jogo se todos não se dispõem a discutir e respeitar as regras? Notamos que, mesmo através de conteúdos menos trabalhados, devido a problemas normais com espaço, tempo e mudança de cronograma, obtivemos bons resultados. Enfim, após o fim da proposta, nos parecia que a postura e o relacionamento do grupo tinha passado por uma grande mudança e que nossos objetivos tinham sido alcançados, em grande parte.

Obviamente nenhum grupo é monolítico e muitos problemas ocorreram pelo caminho. Devido à característica diferenciada desse trabalho para um grande número de crianças, houve uma significativa redução do número de participantes no início do trabalho. Muitas crianças vinham esperando escolinhas de esporte ou, exclusivamente, o uso da cama elástica (conforme era feito antes de nossa chegada) e se decepcionavam com a proposta apresentada. Mesmo as que ficavam, questionavam o teor e a forma de utilização do esporte. Mas, no decorrer do trabalho, as crianças que ficaram foram se envolvendo cada vez mais com o proposto, passaram a cobrar novas posturas dos colegas e, para nossa surpresa, devido a seu trabalho de divulgação, assistimos o retorno de grande parte do contingente inicial que havia saído.

Qual foi o real alcance da proposta? Essa é uma proposta perfeita? Com certeza não, aliás, sempre estará para ser criada uma proposta perfeita. Temos a certeza dos problemas das mais diversas ordens que enfrentamos, de diversas

falhas que procuramos minimizar no decorrer do trabalho e do alcance parcial de nossos objetivos. Mas temos a pretensão de ter buscado um trabalho consistente, coerente e engajado, sem que isso viesse a significar situações de 'pregação ideológica' que poderiam tornar enfadonha nossas atividades e/ou significar o abandono das especificidades de nossa prática profissional.

Esse trabalho, longe de significar uma conclusão ou fim, é na verdade nossa primeira reflexão quanto às nossas possibilidades de atuação a partir do que vivenciamos em nosso cotidiano. Nossos futuros trabalhos, com certeza, devem partir dessas constatações, na tentativa de aperfeiçoá-las. Só esse contínuo pensar e repensar pode garantir a busca de um alcance cada vez maior de nossa intervenção profissional.

Nota

- ¹ Esporte, ginástica, dança, capoeira entre outros.

Referências Bibliográficas

- BOURDIEU, Pierre. Como é possível ser esportivo ? In: _____ . *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro : Marco Zero, 1983.
- COLETIVODEAUTORES. *Metodologia do ensino da Educação Física*. São Paulo : Cortez, 1992.
- MARCELLINO, Néelson Carvalho. *Lazer e Educação*. Campinas : Papirus, 1989.
- OLIVEIRA, José Guilmar Mariz. Relação entre posicionamento filosófico em Educação Física. In: *KINESIS*, 5(1). Santa Maria : UFSM, 1989.
- PARLEBAS, Pierre. *Perspectivas para una Educacion Física moderna* (mimeo). Madrid, 1986.
- REICH, G. e ADCOCK, C. *Valores, atitudes e mudança de comportamento*. Rio de Janeiro : Zahar, 1976.
- SERVIÇO SOCIAL DO COMÉRCIO. Programa integrado de desenvolvimento infantil. São Paulo : SESC, 1990.